

REAPRENDENDO COM OS PUZZLES DA FORMAÇÃO DOCENTE: TRAJETÓRIA PARAPEDAGÓGICA DOS PROFESSORANDOS DE SÃO PAULO 2015

*Relearning with the Puzzles of the Instructor Development Course:
Parapedagogical Trajectory of São Paulo 2015 Instructorees*

Cilene Gomes, Domingos Sávio Marini, Enilda Lara, Flávia Cardoso,
Mauro Santos de Oliveira Junior, Regina Maria Krupka,
Sônia Carrasco de Souza e Vilma Maria Lira de Souza

Resumo: No presente artigo, os professorandos da primeira turma do Curso para Formação de Professores de Conscienciologia da Reaprendentia em São Paulo propuseram-se a compartilhar a reflexão conjunta realizada sobre a trajetória da formação docente no primeiro semestre de 2015. O objeto central do trabalho foram os *puzzles* parapedagógicos identificados pelos participantes no decorrer dos estágios e selecionados para reflexão e reciclagem após o término do curso. O método utilizado para as discussões foi o do grupo focal. As análises dos conteúdos obtidos orientam-se, nas considerações finais, para o reconhecimento de convergências dos processos conscienciais individuais e das ações de enfrentamento dos *puzzles*, bem como procurou-se reconhecer as lições parapedagógicas vivenciadas durante o curso e a elaboração do artigo.

Palavras-chave: formação docente; *puzzles*; autoenfrentamentos; lições parapedagógicas.

Abstract: In this paper, the teachers-in-training of the first Reaprendentia Conscienciology Instructor Development Course (CIDC) in São Paulo agreed to share the joint reflection about their teaching formation trajectory in the first semester of 2015. The main objective was the parapedagogic puzzles, identified by the participants during the teaching-training classes and selected for reflection and recycling after the course end. The method used for the discussions was the focus group. The content analyses obtained led, in the final considerations, to the recognition of convergencies between individual consciencial processes and the puzzles confronting actions. It was also taken into account the parapedagogic lessons learned during the course, as well as the crafting of this article.

Keywords: teaching formation; puzzles; self-confrontation; parapedagogical lessons

INTRODUÇÃO

Motivação. Esse artigo surgiu a partir da observação de uma das professorandas do primeiro Curso para Formação de Professores de Conscienciologia (CFPC) da *Reaprendentia* (Associação Internacional de Parapedagogia e Reeducação Consciencial), em São Paulo.

Temática. Houve sincronicidade quanto às temáticas reeducaciológica e parapedagógica abordadas nas aulas-treino com temas livres, por quatro dos quinze alunos participantes, oriundos de diferentes Instituições Conscienciocêntricas.

Ideia. O artigo foi proposição aceita pela maioria do grupo e encontros foram realizados para melhor contextualização dos interessados na produção do artigo.

Opção. Por meio de indagações pessoais, o grupo chegou a 5 razões principais pela participação no curso, conforme destacadas a seguir:

1. A necessidade e vontade de estudar Conscienciologia, de forma mais focada, aprofundando conceitos e conhecimentos;
2. Conhecer os conteúdos específicos sobre educação, pedagogia e parapedagogia, métodos e técnicas afins;
3. Atender à demanda de Instituições Conscienciocêntricas (ICs) onde alguns alunos são voluntários;
4. Suprir as necessidades intraconsciências de autopesquisa e autodesenvolvimento por meio da docência, tendo em vista a reflexão de dificuldades identificadas em prática docente anterior correlacionando-as à proéxis;
5. A vontade de estar junto a pessoas conhecidas pelas sinergias interassistenciais geradas em outros momentos de convívio.

Objetivo. Foi de primordial importância avaliar a influência dos conteúdos e práticas proporcionados pelo curso nos processos de autopesquisa e reciclagem e no fazer parapedagógico.

Proposta. Discussões e reflexões sobre a trajetória dos professorandos foram propostas tendo em vista oferecer um registro final para compartilhamento com futuros professorandos, convidando-os a ponderar sobre dificuldades e/ou facilidades da prática docente.

Puzzles. Inspirados nas orientações da docência conscienciológica recebidas no curso e expressas pela intenção de formar professores reflexivos, críticos, autônomos, autodidatas e pesquisadores da própria práxis parapedagógica, chegou-se aos *puzzles* parapedagógicos identificados pelos professorandos.

Escopo. As reflexões individuais e grupais sobre os processos conscienciais e vivenciais dos professorandos, por trás de tais *puzzles*, constituem o sentido deste trabalho, tendo como finalidade definir ações de enfrentamento e desafios implícitos, atribuindo significação mais completa para a formação docente em seu todo.

Metodologia. Foi proposto o método do grupo focal de Iervolino e Pelicioni (2001, p. 02), para a apresentação e discussão dos *puzzles*.

Técnica. A técnica do grupo focal compreende a obtenção de dados a partir de reuniões em grupo com pessoas que representam o objeto de estudo, utilizada internacionalmente para: 1. Estruturação de ações diagnósticas e levantamento de problemas; 2. Planejamento de atividades educativas; 3. Revisão do processo de ensino-aprendizagem.

Fundamento. A essência do grupo focal consiste na interação entre os participantes e o pesquisador, que objetiva colher dados a partir da discussão focada em tópicos específicos e diretivos; por isso é chamado grupo focal (IERVOLINO e PELICIONI, 2001).

Convencional. Vale ressaltar, as técnicas convencionais do grupo focal utilizam dados colhidos em questionários fechados ou entrevistas individuais, onde opiniões são emitidas sobre assuntos supostamente nunca pensados.

Crença. Nesta abordagem, acredita-se que a opinião pessoal é formada a partir do conhecimento de outras opiniões ocorrendo a mudança constante de posição quando expostas à discussão em grupo (IDEM., 2001, p. 02).

Dinâmica. As atividades grupais (Figura 1) se deram por meio de reuniões agendadas e diversas formas de comunicação entre seus integrantes nos períodos intervalares entre as mesmas.

Definições. Inicialmente nas três primeiras reuniões, definiu-se o que segue por ordem cronológica:

1. O foco e o título do artigo por meio da realização de *brainstorming* coletivo;
2. O método qualitativo do Grupo Focal para a discussão sobre os *puzzles*;
3. O objetivo geral e específico do artigo.

Decisões. Na quarta reunião do grupo focal (Figura 2) foi realizada a gravação e filmagem com a respectiva transcrição das discussões em seguida; na quinta reunião, decidiu-se pela estrutura do artigo e proposta geral de organização para a redação.



Figura 1 – Reunião Organizacional.
Fonte: autores (2015)



Figura 2 – Grupo focal: os puzzles no mural ao fundo.
Fonte: autores (2015)

Adesão. Vale ressaltar os propósitos da gestão consciencial coletiva e a redação colaborativa, indicando a participação da maioria dos integrantes do grupo durante todo o processo de trabalho.

Evolução. O artigo foi desenvolvido em um tópico principal, com subitens pela análise dos *puzzles* selecionados. Na sequência temos considerações ressaltando as condutas de autoenfrentamento e reciclagens incluindo avaliação do processo extra-curso de elaboração conjunta desse artigo.

1. PROBLEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DOS PUZZLES

Definição. O *puzzle parapedagógico* é “uma questão, situação, dúvida, um aspecto, problema, tráfalo ou tráfalar selecionado, intencionalmente, pelo professorando, para ser pesquisado, investigado, estudado e trabalhado em sua práxis parapedagógica objetivando seu aprimoramento pessoal e profissional” (REAPRENDENTIA, 2015, p. 07).

Subentendimento. Uma vez selecionado o *puzzle*, o professor (autopesquisador) problematiza, observa suas aulas e de outros professorandos, busca respostas, coleta dados, analisa, interpreta, sintetiza, sugere uma hipótese, coloca em prática suas conclusões e verifica se essa nova postura ou atitude responde às perguntas feitas na problematização inicial (IDEM, p. 7).

Identificação. Em relação aos *puzzles* a serem priorizados para reflexão individual e coletiva adotou-se a técnica da criação de frases ligadas aos mesmos, de cada participante e de aspectos ligados à docência, a serem escritos em um mural no dia agendado.

Frases. Houve um debate a partir de 7 frases enumeradas em ordem de prioridade, a respeito das quais os participantes presentes colaboraram livremente:

1. Para dar aula não precisa gostar de dar aula;
2. O conflito de paradigma desafia o desenvolvimento docente;
3. A falta de foco dificulta o estudo e atrapalha a interassistencialidade;
4. É preciso sair do tradicionalismo educativo e adotar uma abordagem integrada e para-didática;
5. Ninguém aprendeu tanto que não tenha nada a aprender;
6. Trabalhar com a autoimagem é algo positivo na docência;
7. O egocentrismo interfere na parapercepção do campo bioenergético e atuação do amparo.

Duração. O debate teve aproximadamente duas horas de duração, sendo gravado, transcrito e compartilhado com os participantes, para fins da redação individual sobre o *puzzle* selecionado.

Cotejo. A seguir, faremos um cotejo dos *puzzles* levantados, discutidos e selecionados para o artigo, sumariamente apresentados de acordo com a sua problematização na sequência do texto:

1.1 Motivação para a docência

Paradoxo. Gostar ou não de dar aula pode interferir positivamente ou até negativamente na motivação em ser docente. Considera-se ser desejável fazer aquilo que se gosta, entretanto fazer o que não se gosta pode ser necessário, dever de ofício e algo extremamente proveitoso sob o ponto de vista do autoenfrentamento evolutivo.

Questionologia. É preciso se perguntar: Por que não gosto de dar aulas? Quais são os fatos ligados a essa postura pessoal?

Desmotivação. Relacionamos a seguir 8 razões ligadas ao fato de não ter motivação para dar aulas:

- A. Falta de autoconfiança ou realização plena;
- B. Ansiedade desde a pré-aula;
- C. Insatisfação com o desempenho pessoal;
- D. Sentimento de falta de talento para a atividade em questão;
- E. Desconforto pela auto-exposição;
- F. Insegurança, baixa autoestima e com autoimagem negativa;
- G. Medo de ser julgado e reprovado;
- H. Acomodação quanto ao método tradicional inteiramente expositivo e a relativa des-preocupação com o real aprendizado dos alunos.

Motivação. Se o entendimento de que dar aulas é um dever integrado à proéxis, um caminho natural para retribuição de aportes recebidos em vida, e que existem condições para se tornar um bom docente, então, dar aulas torna-se:

- A. Desafio para reciclagens de traços pessoais e para a interassistência;
- B. Boa estratégia pró-evolutiva;
- C. Coadjuvante da compreensão dos seus porquês e dos desconfortos da atividade docente;
- D. Auto-enfrentamento necessário para completar as autossuperações;
- E. Realização da assistência, vivenciando autopacificação íntima e autorrealização.

1.2 Crise de crescimento, autoenfrentamento e reciclagens

Consenso. Foi consenso grupal que a formação docente e a docência conscienciológica prestam-se a promover crises de crescimento salutareis para autoenfrentamentos e reciclagens intraconscienciais.

Desafio: Ser docente consciencial em toda e qualquer situação, com força presencial, fazendo tarefas, sustentando interação diária sadia, sendo senha para as demais consciências com autoconfiança, comunicabilidade e expressão da humanidade cosmoética, interagindo no campo parapedagógico assistencial.

1.3 Preparo do conteúdo e conflito de paradigma

Paradigma. O conflito de paradigmas seja religioso ou científico convencional do professorando pode trazer dúvidas aos alunos durante a transmissão didática, caso o docente não tenha claro para si em qual paradigma está atuando.

Energias. O ambiente de aprendizado pode ficar abalado, em decorrência das oscilações energéticas, quando o professor não consegue esclarecer adequadamente alguma questão mais controversa a exemplo do valor da prece em oposição à autonomia individual energética estimulada pela prática bionérgica.

Religiosidade. O conflito de paradigmas desafia o desenvolvimento docente, frase debatida no Grupo Focal, a qual gerou reflexão sobre este *puzzle* em professorandos com histórico religioso.

Hipótese. No caso de um professor anteriormente atuante no Espiritismo, com trabalhos mediúnicos definidos, podem advir conflitos com as consciências vinculadas aos mesmos trabalhos gerando cobranças e desconfortos pensênicos para quem pretende fazer a mudança paradigmática.

Exemplo. Um exemplo prático dessa postura quando na prática energética após a aula-estágio, o professorando se percebe diminuindo o volume de voz, na condução da Mobilização Básica de Energias (MBE), sendo essa um mimetismo do período em que conduzia preces e vibrações nos trabalhos de desobsessão na casa espírita.

Contradição. Por um lado, é positivo que o professor tenha refletido sobre o conflito paradigmático (CARVALHO & CARVALHO, 2011) bem como ter vivência em religiões anteriores, lido diversos livros de segmentos filosóficos, para poder estabelecer melhor *rapport* com os alunos antes, durante e após a aula, tendo maior capacidade assistencial nestas questões paradigmáticas.

Posicionamento. A falta de autopoicionamento, a insegurança e o conflito do professor, pode ocasionar tumulto na condução da aula, perda de integração com o campo energético e com os amparadores falhando como minipeça do maximecanismo evolutivo.

1.4 Tradicionalismo e interatividade

Déficit. A vivência durante muitas décadas em sistema educacional tradicional, anacrônico, hierarquizado, conteudístico no ensino e passivo na aprendizagem pode resultar em defasagem na formação profissional, que se manifesta na atuação como professor.

Incômodo. Embora as experiências prévias na condição de docente em variados cursos possam agregar valor à teática e verbação do docente, podem gerar desconforto, pois as lacunas oriundas dessa deficiência na formação ficam evidentes. A forma com a qual o professor costumava ensinar distanciava-se da forma mais eficiente para o aluno aprender (PACHECO, 2008).

CQPP. O contato com o conceito conscienciológico de Ciclo de Qualificação da Práxis Parapedagógica (CQPP) (Figura 3) proporciona uma ampliação de conhecimento do processo de ensino e aprendizagem, favorecendo reflexões sobre autorresponsabilização e qualificação na condição de docente.

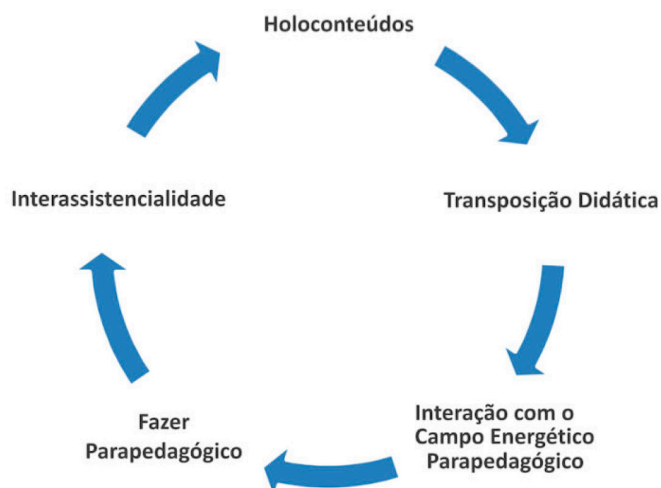


Figura 3 – Ciclo de Qualificação da Práxis Parapedagógica.
Fonte: Manual do Professorando do CFPC da Reaprendentia (2017).

Experiência. A experiência adquirida durante os estágios indicou a necessidade de valorização da fase da pré-aula, pouco explorada pelo professorando. Desta forma, a pré-aula tornou-se o puzzle parapedagógico assumido durante a formação por boa parte dos professorandos com o objetivo de auxiliar no desenvolvimento do CQPP.

Sincronicidades. A atenção direcionada aos contextos diuturnos, interações com pessoas e lugares permite notar as sincronicidades que ocorrem antes das aulas-estágios contribuindo para a melhoria na definição dos conteúdos a serem abordados nas aulas, na interação com o campo energético parapedagógico e na abertura para a interassistencialidade, refletindo na vida diária.

Parapercepção. A intencionalidade cosmoética e atenção direcionadas ao processo da pré-aula têm possibilitado parapercepção mais acurada da demanda interassistencial das consciências presentes nas atividades desenvolvidas dentro da IC e no cotidiano.

1.5 Foco e autoimagem

Definição. *Foco* é a nitidez de uma imagem, a visão de um objeto bem definido, o centro e ponto de convergência, assim como a expressão “ter foco” significa “ter um objetivo, estabelecer um planejamento, ser organizado e ter persistência para atingir as metas e alcançar o que se pretende” (DICIONÁRIO ONLINE, 2015).

Pré-aula. Em relação à pré-aula, foi abordada a dificuldade em manter o foco no tema da aula, visto a ampla possibilidade da pesquisa *online* que leva o professorando a se perder em vários temas de interesse.

Aula. Na aula propriamente dita, a falta de foco aparece quando a atenção se volta primeiramente para a exposição do conteúdo, esquecendo-se de observar as demandas dos alunos e, por isso, deixando de observar com atenção dividida o campo bioenergético e os amparadores, a fim de atender com assertividade e fraternidade as questões levantadas durante a aula.

Causas. Entre as possíveis causas para a falta de foco, na experiência do grupo, estão relacionadas a ou podem ser:

- A. Falta de priorizações e dispersão;
- B. Ansiedade pela obtenção de resultados, muitas vezes negligenciando-se a observação de partes importantes do processo da aprendizagem;
- C. Ansiedade em querer atender a todas as demandas para poder ser interassistencial;
- D. Desorganização, que dificulta os estudos e pesquisas necessários para o preparo das aulas, levando a não concluir os assuntos principais que são deixados de lado em detrimento de outros que surgem durante a pesquisa;
- E. Dispersão gerando autoassédio, aumentando dificuldades em estabelecer um planejamento e ter persistência na elaboração do plano de aula e o formato da aula a ser ministrada.

Megafoco. No decorrer do curso foi possível perceber a importância do megafoco autopsíquico nas pré-aulas e durante as aulas, para identificar parapercepções, sinaléticas e o contato com os amparadores de função, e para a preparação do campo, a empatia com os alunos e a interassistencialidade.

Pós-aula. Também se compreende a importância da manutenção do foco na pós-aula com o objetivo de avaliar os resultados obtidos, as parapercepções ocorridas durante as aulas, as dúvidas não esclarecidas aos alunos, informações e melhorias para as próximas aulas.

Despreparo. A falta de conhecimento sobre alguns temas da Conscienciologia traz insegurança durante a autoexposição diante dos parapedagogos e colegas do curso. Esse desconforto interfere negativamente na necessidade de preservar a autoimagem, sendo justamente o desconforto que tira o professorando da condição de autocentragem..

Autenfrentamento. A dificuldade de assistir os vídeos das próprias aulas, em razão de se defrontar com as dificuldades e ter que assumi-las acentua ainda mais essa preocupação com a autoimagem.

Autossuperação. Assistir as diversas aulas dos colegas de turma e os *feedbacks* dos parapedagogos contribui muito para a percepção da autoevolução durante o curso, com o processo gradual de enfrentamento do *puzzle* identificado e superação dos autoassédios correlatos.

1.6 Comunicabilidade e interação com o campo

Autoexposição. Um dos maiores desafios da docência e da escrita é a comunicação. Pode-se ter muita desenvoltura em certas manifestações, e o medo da autoexposição ainda ser grande.

Visibilidade. É importante observar os gargalos e desafios pessoais, pois a intraconsciencialidade pessoal se torna visível aos olhos do público, assim como o grau de conhecimento sobre a temática também se escancara.

Dosagem. É preciso fazer um esforço ao utilizar os veículos de comunicação como a fala, a escrita, a empatia, os gestos e outros métodos a nossa disposição no dia a dia, para a dosagem do conhecimento transmissível ser adequada. Para tanto, será necessário saber quem é o público-alvo daquela informação uma vez que o trabalho do aprendizado se dá em mão dupla, ensinar e aprender.

Vivência. Quando se tem vivência e intencionalidade correta, multidimensionalmente tudo está em nosso favor. É preciso trabalhar de maneira profilática e proativa, pois estamos trocando energias o tempo todo, e deste modo, o trabalho de conhecimento e aprendizado reverbera em

tudo e em todos. Trabalha-se multidimensionalmente sendo preciso atenção, pois cada um está em momento diferente e não naquele que muitas vezes se pensa.

Ideias. Expor as ideias de ponta da Conscienciologia não é simples. O professor de Conscienciologia precisa saber dosar as informações conforme o interlocutor, a fim de não cometer estupro evolutivo medindo as palavras e primando pela cosmoética.

Interaciologia. A comunicabilidade tem relação direta com a interação no campo parapedagógico. É necessário predisposição incessante à assistência, dessa forma é possível a parapercepção dos acoplamentos, das sinaléticas e dos assistidos. Essa qualificação é um caminho longo de conhecimento, mas o fato de começar a identificar as parapercepções já é um avanço inicial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: ENFRENTAMENTO DOS PUZZLES E FORMAÇÃO DOCENTE

Ações. Nessas observações adicionais, inicialmente considerou-se indispensável o apontamento de ações para reciclagens, enfrentamentos e superação dos *puzzles*. A maioria dos professorandos iniciou o trabalho sobre os *puzzles* no sentido de autoenfrentamentos durante o próprio processo de formação docente, embora todos tenham reconhecido pontos a serem trabalhados de forma contínua, para superações futuras.

Propósitos. Por exemplo, no trabalho do *puzzle* “motivação”, o grupo concluiu que se pode aprender a gostar de dar aulas se os propósitos essenciais do ensino, tais como o esclarecimento e a interassistência, estiverem sendo cumpridos a contento. Nesse caso, a seleção e/ou dosagem do conteúdo a ser ministrado, a transposição didática e a criação de empatia com os alunos tornam-se objetos fundamentais da busca de aprimoramento da prática docente.

Transposição. O estudo e a aplicação de novos métodos de transposição didática podem ajudar no estabelecimento de interações parapedagógicas e na ampliação da reflexão sobre o *puzzle*.

Medida. Outro aspecto a mencionar é quanto ao preparo do conteúdo, quando se busca encontrar qual a medida de conteúdo que ao mesmo tempo em que não desprezasse a necessidade pessoal do professor de investigar sobre o assunto, não perca de vista os alunos e os momentos evolutivos em que se encontram.

Aluno. Para isso, conhecer um a um os alunos, por meio de escuta ativa e observação, mesmo fora da sala de aula, seria fundamental.

Empatia. Uma interação mais à vontade com o aluno e a exposição dialogada têm sido um bom primeiro passo para este autoenfrentamento. Tudo que pode contribuir para facilitar a interação com o aluno vai tornar a aula mais interessante, mais tranquila: gostar das pessoas e de ensinar; transformar a aula numa conversa; o exemplarismo ao compartilhar experiências pessoais; evidenciar as aplicações dos conceitos estudados; romper com a ideia de que se é o detentor do conhecimento de tudo; estabelecer com responsabilidade uma comunicação horizontal (e não hierárquica) com os alunos.

Caminho. Cientes de que ensinar é aprender, a perspectiva da reciclagem intraconscional e da mudança de métodos parapedagógicos e posturas é certamente o caminho para a interassistencialidade e a evolução do docente.

Mecanismos. No caso do *puzzle* sobre conflito de paradigmas, considerou-se que para haver um posicionamento paradigmático consciencial assertivo é necessário trabalhar os mecanismos de defesa do ego que podem estar por trás alimentando ganhos secundários, como entendido

de um dos exemplos da Fatologia citado no Verbetes Síndrome do Conflito de Paradigma: “(...) autocorrupções que podem estar limitando a autoexperimentação do paradigma consciencial” (CARVALHO, 2012, p. 26-27).

Reflexão. Neste mesmo verbete, apresentam-se algumas sugestões para ajudar na reflexão de quem estiver com este conflito, como, por exemplo, os trinômios: *autoposicionamento-autenfrentamento-autossuperação* e *autopercepção-autoconhecimento-autocrítica*.

Descondicionamento. É importante ressaltar a atenção sobre ações descondicionantes de um paradigma religioso, ao buscar constante reciclagem através de leituras mais científicas, participação em dinâmicas parapsíquicas para autonomia e qualificação energética (exemplos em São Paulo: as dinâmicas das ICs Ectolab, Juriscons e OIC), e desenvolvimento de atividades mentaissomáticas como a escrita de verbetes, artigos e livros, além das Tertúlias relacionadas à superação de tráfes e tráfais, e o próprio trabalho do voluntariado conscienciológico.

Feedback. Acrescentam-se a estas ações, a consideração do *feedback* valioso dos parapedagogos exemplaristas, nas entrevistas metarreflexivas, nos apontamentos presenciais após as aulas-estágio e via contato telefônico ou online, proporcionando esclarecimentos e convites à observação mais abrangente e consequente mudança pensênica e de atitudes por parte dos professorandos.

Intencionalidade. No caso da superação do tradicionalismo pedagógico, é importante reforçar o papel da autorreciclagem, da atualização parapedagógica constante e da intencionalidade cosmoética possibilitado uma percepção cada vez mais acurada da demanda interassistencial das consciências presentes nas atividades docentes ou mesmo no cotidiano.

Ações. Além disso, a organização para o estabelecimento de uma rotina permanente de estudos e a qualificação do parapsiquismo foram duas outras ações básicas para o autoenfrentamento dos demais *puzzles*, tais como o da dispersão, da comunicabilidade e interação com o campo.

Predominância. Levando em conta a análise dos *puzzles*, é interessante observar que os *puzzles* selecionados pelos integrantes do grupo concentraram-se na etapa da Pré-Aula, do Conteúdo e da Interassistencialidade, mas nas demais etapas do Ciclo Parapedagógico (Transposição didática, Interação com o campo e Fazer parapedagógico) ao menos um *puzzle* foi destacado.

Convergência. Além disso, vale ressaltar a convergência de muitos *puzzles* entre os colegas. Ou seja, um *puzzle* era igualmente *puzzle* para vários outros colegas, embora cada um tivesse selecionado apenas um para refletir durante a elaboração do artigo.

Interassistência. Esse foi um dos pontos altos das discussões no grupo focal: perceber que o problema de um é um pouco ou de forma diferenciada o problema de todos os outros. Nesse sentido, a questão da interassistencialidade, que já havia sido destacada como uma das razões essenciais da formação para a prática docente ficou ainda mais evidenciada durante a realização do grupo focal e no trabalho de produção coletiva do artigo.

Valorização. Junto à questão da assistência, a necessidade de fazer autopesquisa, estudar Conscienciologia e de aprimoramento das parapercepções foram outras razões apontadas. O curso também propiciou para alguns a reflexão sobre a docência praticada na sociedade intrafísica (socin), ampliando a visão sobre a mesma e apontando caminhos para sua qualificação. Outro aspecto extremamente valorizado pelo grupo foram as devolutivas dos parapedagogos e dos colegas durante os estágios.

Arrastão. Nas palavras de uma professoranda, o processo de formação da docência conscienciológica significou um “arrastão consciencial”, sendo cada professorando uma conscin-cobaia

do “destino” desde a pré-aula até completar o ciclo de aprendizagem. Essa formação provocou crises de crescimento e reciclagens intraconscenciais.

Desafios. Os principais desafios parecem residir, em boa medida, na etapa da transposição didática e na interação com o campo parapedagógico.

Validade. Uma palavra final deve necessariamente tratar das imensas dificuldades de elaboração coletiva desse pequeno artigo. No início, com a animação resultante do término da formação, foram possíveis as reuniões e a realização do grupo focal com boa presença dos colegas. A demora em concluir o artigo fez com que o grupo perdesse o link com o trabalho coletivo, e a etapa de redação e da necessidade de completar o artigo ficou reduzida à participação de um número bem menor de interessados. Mas considerou-se a experiência extremamente válida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CARVALHO, Juliana; & CARVALHO, Francisco. Síndrome do Conflito de Paradigmas: Proposição de Nova Patologia Conscencial; Artigo; **Conscientia**; Revista; Trimestral; Vol. 15; N. 1. Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR, Janeiro-Março, 2011.
2. DICIONÁRIO ONLINE: SIGNIFICADOS. Foco. Disponível em < <https://www.significados.com.br/foco/>>. Acesso em 05/10/2015, às 23h.
3. IERVOLINO, S.A.; PELICIONI, M.C.F. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Rev Esc Enf. USP**, v. 35, n.2, p.115-21, Junho, 2001.
4. Manual do Professorando do Curso para Formação de Professores de Conscienciologia (CFPC) da Reaprendentia. Figura do Ciclo de Qualificação da Práxis Parapedagógica. Capítulo 1, Introdução a Docência Conscienciológica, p.10, 2017. Acesso em fevereiro de 2017.
5. PACHECO, José. **Escola da Ponte**. 4. Ed., Editora Vozes. São Paulo, 2008.
6. REAPRENDENTIA. *Introdução ao Estudo da Docência*. Apostila do Curso de Formação de Professores de Conscienciologia – CFPC. Publicação interna, 2015.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. ALEGRE, Pilar. Enciclopédia da Conscienciologia. **Verbetes: Autenfrentamento Docente**, Parapedagogia. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=p_XM5jXrH-Q > 18.10.2012, Tertúlia: 2451. Acesso em 2015.
2. CARVALHO, Juliana. Enciclopédia da Conscienciologia. **Verbetes: Síndrome do Conflito de Paradigmas**, Parapatologia. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=bjuJM0GoPTs>>.04.05.2012, Tertúlia: 2285. Acesso em 2015.
3. LARA, Gabriel. Enciclopédia da Conscienciologia. **Verbetes: Desrepressão Docente**. Parapedagogia. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ALo7EQTb-FE>>. 30.03.2013, Tertúlia: 2612. Acesso em 2015.
4. PALUDETTO, Leonardo. Autoimagem Saudável: Proposta de Abordagem Autoconsciencioterápica. Revista **Conscientia**, 13(3), julho/setembro, 2009, p. 228-240.

AGRADECIMENTO

Agradecemos a todos os professores/parapedagogos do curso de formação e à colega Professora Vera Marini, da Juriscons-SP, pela colaboração valiosa para atribuir ao artigo o caráter de escrita conscienciológica.

Cilene Gomes, arquiteta-urbanista, docente-pesquisador universitário, voluntária da Conscienciologia desde 2011 (IIPC), na Evolucin desde 2013 e na Reaprendentia desde 2016, docente de Conscienciologia desde 2013. E-mail cilene.gomes@reaprendentia.org

Domingos Sávio Marini, advogado desde 1990, pós-graduado em Direito Tributário, conscienciólogo desde 2000, com formação na docência conscienciológica pela Reaprendentia em 2015, tenepessista há mais de 15 anos. E-mail: domingosmarini4@gmail.com

Enilda Lara, nutricionista, doutora em Ciências da Saúde, coordenadora de Projetos de Estratégias de Promoção da Saúde e Qualidade de Vida no Hospital do Coração- SP (HCor-SP), voluntária do IIPC-SP na área EXE2 (Executivo 2), docente de conscienciologia, desde 2015, tenepessista desde 01/07/2015. Email: elara@hcor.com.br

Flávia Cardoso, tradutora e professora de inglês, voluntária da Conscienciologia desde 2013 na EVOLUCIN e da Reaprendentia desde 2016, tenepessista e docente desde 2015. E-mail flavia.uhlmann@reaprendentia.org

Mauro Santos de Oliveira Junior, pesquisador acadêmico, voluntário da Conscienciologia desde 2013 na Juriscons, docente de Conscienciologia desde 2015. E-mail: mauro.oliveira-jr3@gmail.com

Regina Maria Krupka, licenciatura em Matemática, Analista de Sistema e Processos, pós graduada em Gestão Hoteleira. Voluntária da Conscienciologia em 2014 na OIC, desde fev/2015 na Ectolab e na Reaprendentia desde mar/2017. Docente de Conscienciologia desde 2015 e tenepessista desde out/2016. E-mail: remakr@hotmail.com/reginakrupka@gmail.com

Sônia Carrasco de Souza, professora, voluntária da Conscienciologia desde 2011, e da Reaprendentia desde 2015, docente de Conscienciologia desde 2015. Email: soniacarrasco@gmail.com

Vilma Maria Lira de Souza, pedagoga, aposentada pelo Tribunal de Justiça, Voluntária da Conscienciologia de 2005 até 2013. Tenepessista desde 2006. Concluiu docência pela Reaprendência em 2016. Email: vilma.sirius@gmail.com